

## PARTEIRAS E BENZEDEIRAS: POR QUE SOBREVIVER É PRECISO

Maria Euzarina Pastana da SILVA (Letras/PARFOR/UFPA)  
Elson de Menezes PEREIRA (UFPA)

### Resumo

É sabido que as conquistas femininas, reivindicadas pelas e para as mulheres brancas de classe média alta, têm possibilitado a elas algumas conquistas no campo profissional, social, político. No que se refere ao campo profissional, em particular, é sabido que as lutas dessas mulheres não são exatamente iguais a das mulheres que vivem à margem, como, por exemplo, as indígenas, negras, pobres, pois estas sempre trabalharam fora, por exemplo. Neste contexto, dentro da academia existe uma reivindicação para que nos estudos de gênero haja uma intersecção com raça e classe, pois as questões femininas devem ser (re)pensadas levando em consideração raça, etnia, classe. Aqui, o trabalho se volta para ouvir as rezadeiras e parteiras. Para tanto, entrevistamos um grupo de 05 mulheres acima de 60 anos residentes à margem do rio Amazonas, mais precisamente em Gurupá. Para este artigo, traremos os relatos de apenas duas, dona Marta e dona Cotinha, devido ao espaço. O objetivo é traçar o caminho que as levaram a se tornar rezadeiras e parteiras, analisando a partir disso a (não) existência de nuances quando se fala em gênero. Além disso, busca-se tornar (re)conhecido o trabalho tão pouco valorizado das “médicas” leigas em tempos inóspitos para todas as mulheres que viviam e vivem às margens – de rios e da sociedade.

**Palavras-chave:** Benzedeiras. Parteiras. Mulheres ribeirinhas. Rio Amazonas.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É sabido que as conquistas femininas, reivindicadas pelas e para as mulheres brancas de classe média alta, têm possibilitado a elas algumas conquistas no campo profissional, social, político. No que se refere ao campo profissional, em particular, é sabido que as lutas dessas mulheres não são exatamente iguais a das mulheres que vivem à margem, como, por exemplo, as indígenas, negras, pobres, pois estas sempre trabalharam fora, por exemplo. Neste contexto, dentro da academia existe uma reivindicação para que nos estudos de gênero haja uma intersecção com raça e classe, pois as questões femininas devem ser (re)pensadas levando em consideração raça, etnia, classe. Este trabalho se volta para ouvir as rezadeiras e parteiras. Para tanto, entrevistamos um grupo de 05 mulheres acima de 60 anos residentes à margem do rio Amazonas, mais precisamente em Gurupá. Para este artigo, traremos os relatos de apenas duas, dona Marta e dona Cotinha, devido ao espaço. O objetivo é traçar o caminho que as levaram a se tornar rezadeiras e parteiras, analisando a partir disso a (não) existência de nuances quando se fala em gênero. Além disso, busca-se tornar (re)conhecido o trabalho tão pouco valorizado das “médicas” leigas em tempos inóspitos para todas as mulheres que viviam e vivem às margens – de rios e da sociedade.

O interesse em trazer à tona as narrativas orais de mulheres acima de 60 anos que desempenharam algum papel social relevante em Gurupá, em particular o trabalho como parteiras e

benzedeiras, advém da estreita relação particular na família com mulheres que desempenharam essa função. Em outras palavras, nasci aos seis dias do mês de janeiro do ano 1986, em casa, no interior do município de Gurupá na comunidade São Raimundo, localizado na chamada “Ilha de Gurupaí”, através das mãos da senhora Maria de Nazaré Alves Moreira (Cotinha), parteira da comunidade e minha avó.

Quanto à estrutura do trabalho, em um primeiro momento, trazemos algumas informações pertinentes ao espaço geográfico no qual estão inseridas os sujeitos da pesquisa. Depois, apresentamos e analisamos as narrativas orais que (com)provam o(s) papel(is) social(is) de duas moradoras de Gurupá.

## 1 GURUPÁ: O “PORTO DE CANOAS” DO RIO AMAZONAS

À margem esquerda, sentido Belém-Gurupá, encravada sobre o barranco banhado pelo Rio Amazonas, nasceu Gurupá há, de acordo com os registros oficiais, 391 anos. Surgiu no século XVII com a chegada dos estrangeiros (franceses, holandeses, ingleses e irlandeses) para a colonização da Amazônia. A colonização da Amazônia tem como marco histórico a instalação dos fortés de Maranhão e Belém, em 1616. É importante lembrar que a colonização dos europeus na Amazônia foi altamente favorecida pela união das coroas ibéricas, Espanha e Portugal, que na verdade significou a anexação do reino de Portugal ao reino espanhol, iniciada em 1580 e terminada em 1640, embora, de fato, não tenha significado que o reino português perdesse sua autonomia e soberania em seus territórios colonizados. (CARDOSO, 2003, apud LOPES 2013, p.61).

Nesse sentido, Gurupá teve um importante papel na colonização da Amazônia, pois as incursões militares se estabeleciam a partir das fortificações que construíam em lugares de maior destaque dos rios. Particularmente três fortalezas se destacam por serem os primeiros polos das expedições chamadas “tropas de resgates”, que na verdade eram verdadeiras caçadas aos indígenas para a servidão. São elas: O forte do presépio, em Belém, o Forte dos Camutás, em Cametá, e o Forte de Mariocai (Santo Antônio) de Gurupá (BARRETO, 2003, apud LOPES, 2013, p.62).

A coroa Portuguesa elevou Gurupá à capitania, uma das cinco únicas capitâncias em toda região Amazônica, naquela época (Kelly1984:72, apud OLIVEIRA JR, p.19). A capitania era uma divisão geopolítica, criada com o propósito de assentamento e desenvolvimento. Um forte permanente foi construído para proteção contra futuras invasões estrangeiras. Com a construção do forte permanente, a população local cresceu a ponto de Gurupá ter sido elevada à categoria de vila, em 1639. (OLIVEIRA JÚNIOR, [s.d], p.19). A presença de outras civilizações em Gurupá pode ser

facilmente percebida na arquitetura dos seus monumentos históricos como o prédio da Prefeitura, da Igreja Matriz e no Forte de Santo Antônio, marco da colonização.

Em Gurupá ocorreram disputas mercantilistas e colonialistas entre países Europeus (Portugal, Espanha e Holanda); foi base de apoio militar para a expansão do domínio Português na Amazônia e de controle das invasões estrangeiras, dada sua localização privilegiada próxima à foz do Rio Amazonas. Capitania real e ponto de comércio das Drogas do sertão, local de base e concentração das tropas de “resgate” e “descimento” para captura e escravização dos povos indígenas. Foi posteriormente ocupada pelos cabanos e neste mesmo período, de lá saíram as primeiras partidas da borracha para serem exportadas pelo porto de Belém. (Oliveira JR 1991, p.4, apud, MAGALHÃES, 2009, p.32).

Geograficamente, Gurupá está localizado na região das ilhas, zona fisiográfica do Marajó, à margem direita do Rio Amazonas, na Mesorregião do Marajó mais especificamente na chamada Microrregião de Portel. Limita-se com o município de Porto de Moz ao Sul, o município de Melgaço a Sudeste, o município de Breves a leste, o município de Afuá ao Norte, e o município de Almeirim e o Estado do Amapá a Oeste, possuindo uma área total de 8. 540,113 Km<sup>2</sup> e 29.062 mil habitantes segundo o IBGE 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), das quais 62% ainda residem no meio rural dedicando-se as atividades como a pesca artesanal, extrativismo e agricultura de subsistência. A cidade possui uma altitude de 20m acima do nível do mar e seus principais acidentes geográficos são: o rio Amazonas, a Ilha Grande de Gurupá e as Ilhas de Urutá e Gurupaí.

Gurupá é um dos mais antigos povoados da Amazônia, remontando ao início do século XVII. Além disso, esta cidade é, provavelmente, um dos mais antigos sítios pré-históricos da Amazônia, datando de milhares de anos, ainda que ninguém saiba ao certo sua origem (PACE, [s.d] p. 01).

Quanto à origem do nome da cidade, para muitos o nome Gurupá é de origem Tupi que significaria “depósito de pedras ou cascalhos”. No entanto, não se sabe ao certo a origem do nome “Gurupá”. Historicamente, de acordo com estudiosos, o nome foi escrito de dois modos: “Curupá”- especialmente durante o século XVII- e “Gurupá”. Ambas as variações são, possivelmente, corrupções do português para um termo indígena, que poderia significar “pica-pau verde” ou “porto de canoas”, ou “depósito de pedras/ pedra quebrada” (ROYER, 2003; BUENO, 1882; BRAGA, 1919, apud PACE e OLIVEIRA JÚNIOR, [s.d], p. 1).

Embora tenha lá suas peculiaridades próprias, Gurupá, de acordo com Treccani (2006), não tem grandes diferenças em relação às demais cidades ribeirinhas espalhadas pela Amazônia, que, embora estejam na rota por onde deslocam navios, balsas há séculos, permanecem marcadas

pelo isolamento e praticamente pela ausência de políticas públicas apropriadas. Ou seja, a população sofre algumas privações devido ao isolamento (distante da capital Belém mais de 15 horas de barco), muito embora alguns benefícios como internet, telefone, hospital, escolas, por exemplo, já são acessíveis à população. Mas ainda faltam muitas coisas urgentes e básicas como infraestrutura de qualidade para as moradias, saneamento básico, esgotos sanitários, água encanada em algumas partes da cidade e principalmente no campo, onde em alguns lugares a água é consumida diretamente dos rios. A energia elétrica tem lá suas precariedades, sendo que grande maioria das áreas rurais carecem dessa oferta. O atendimento à saúde e educação pública é mínimo, enquanto que as políticas públicas que se voltam ao esporte, ao lazer e à cultura também precisam ser reformuladas.

E em meio a essa nova Gurupá que desponta alguns dos velhos hábitos, tradição, cultura vão se perdendo em prol da velocidade de comunicação, presença de profissionais formados em universidades, pois, é fato que “também nas pequenas cidades e até mesmo no campo, esse aspecto da modernidade tem transformado comportamentos e afastado as pessoas dos seus modos de ser e de fazer” (SILVA, 2009, [s.p.]). Uma dessas culturas, tradições dizem respeito às benzedeiras e parteiras – outrora grandes cuidadoras da saúde da comunidade e responsáveis pela preservação e bem-estar dos recém nascidos de Gurupá e arredores.

## 2 BENZEDEIRAS E PARTEIRAS: GUARDIÃES DE MITOS, TRADIÇÃO, CULTURA

Na história da população que vivia/vive no interior do Brasil, distante de recursos básicos para a sobrevivência do ser humano como, por exemplo, saúde e alimentação, a mulher de classe social menos favorecida, em particular, tem uma trajetória de vida na qual ela desempenha um papel social extremamente importante dentro da sua comunidade. Exemplo dessas mulheres são as rezadeiras e parteiras. Neste contexto, o objetivo agora é, a partir de narrativas orais, (re)contar parte da trajetória de duas mulheres gurupenses, procurando entender como e por que se tornaram benzedeiras e verificar qual o papel simbólico que as mesmas têm sobre si mesmas, além de social das mesmas dentro da comunidade na qual vivem. Antes, contudo, alguns parênteses sobre narrativas orais, parteiras e benzedeiras se tornam relevantes.

a crescente importância que vem sendo atribuída à História Oral, seja ela enquanto disciplina, ou enquanto metodologia de pesquisa; o fato é que as testemunhas orais, narradores, colaboradores, depoentes, entrevistados, informantes... , seja lá qual for a terminologia empregada pelo pesquisador à quem lhes fornece as informações, ou seja, se permite entrevistar, investigar; tem sido cada vez mais respeitadas enquanto importantes e, em alguns casos, imprescindíveis fontes de pesquisa, especialmente nas pesquisas sociais, o que confirma a crescente credibilidade do



estudo da memória ou a partir da memória entre a comunidade acadêmica. (SILVA, 2009, [s.p.]).

As benzeduras, de acordo com Araújo (2008, p. 110)

Rezas, benzeduras e cumprimento de promessas revelavam uma prática religiosa sincrética. Era a junção da pajelança indígena, dos cultos afros, do catolicismo lusitano e das experiências que surgiam no cotidiano – como a tentativa de eliminar o infortúnio ou de dar sentido às situações inexplicáveis de acordo com o instrumental religioso que os habitantes desse lugar dispunham – que se manifestava nesse catolicismo interiorano, diferenciado do catolicismo das regiões litorâneas, mais próximas do olhar controlador do clero.

E neste universo sincrético, a “presença da mulher é marcante no mundo da crendice e é ela, numa maioria quase que absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal” (GOMES; PEREIRA, 1989, p.16). Parece, neste contexto, que sendo ela aquela que traz à vida novos indivíduos, na função de parteira, cabe a ela também “cuidar” da vida desses indivíduos, rezando, orando, cuidado do corpo e do espírito. E no que tange às parteiras, atividade exclusiva das mulheres, elas, de acordo com Montiel (2003), são vistas pelo seu grupo como médicas, enfermeiras, farmacêuticas, capazes de fazer aliviar, com unguedos, banhos, chá de ervas e rezas, as dores e os males da população que não conta com outro recurso”, como é o caso das mulheres ribeirinhas que vivem em locais extremamente isolados e sem acesso a médicos, por exemplo. Consequentemente, sobreviver, nestes lugares, segundo Streck (2005) é uma arte e requer estratégias pedagógicas das quais, é claro, essa população não tem consciência tão natural é aquela situação na qual nasceram.

Neste contexto, por um lado, ciente da relevância de se preservar a cultura de um povo e, por outro, ciente da necessidade social, política e humana de registrar e divulgar as vozes sempre tão silenciadas de mulheres pobres, negras, indígenas, seguem, abaixo, duas histórias orais de rezadeiras e parteiras que vem à lume como forma de valorizar o papel das rezadeiras e parteiras em lugares onde a saúde e a educação ainda são precárias.

## 2.1 Benzedeiras e parteiras: entre “dons” e carências sociais e políticas

### 2.1.1 DONA COTINHA<sup>1</sup>: RELATOS DE VIDA<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Nome de batismo é Maria de Nazaré Moreira Alves, mas, de acordo com ela, desde criança o pai a chamava de Cotinha e assim ficou. É como gosta de ser chamada.

<sup>2</sup> A entrevista foi gravada e a depoente declarou em gravação que está ciente dos fins científicos a que esta pesquisa se propunha e que aceitava que sua fala e imagem fosse divulgada em trabalhos científicos, seja impresso, seja através da mídia. Um termo de aceite também lhe foi lido e assinado pelos parentes mais próximos, pois ela não saber ler nem escrever.



Tajapuru, tudo por aí nós beramo, moremo eu, com minha mãe e uma irmã que é a comadre Amália. Aí foi nessa vila mana, até que nós paremo de andar prá cá pra culá que o papai morreu, né?! [...]. Eu fiquei com 5 ano, né, ai a mamãe, com a comadre Ana e eu, ficamo bolando pra cá pra culá, pra cá pra culá, aí até que a minha vó arrumou um lugar pra nós no Muruchaua, um lugar num rio que tem aqui pra baixo, Muruchaua. Lá, nós fumo pra lá, bem, minha irmã, lá nós se quietemo, lá minha mãe trabalhava, minha irmã trabalhava, lá que nós fumo saber o que era dormir na rede<sup>3</sup>, saber o que era farinha na vasilha, saber o que era comida, café, açúcar...

Como se pode observar, a entrevistada não nasceu em Gurupá e já na infância, mesmo ainda tendo a figura do pai, tinha uma vida errante, certamente por causa de privações nos locais por onde passou o que pode ser comprovado quando ela diz que só quando chegaram no rio Muruchaua foi que conheceram o “que era dormir na rede, saber o que era farinha na vasilha, saber o que era comida, café, açúcar”, pois segundo ela, “era uma fometura naquele tempo era uma fometura<sup>4</sup>, não tinha...”.

Vale ressaltar que a mesma comenta que a mãe e a irmã, assim que quietaram neste rio, começaram a trabalhar, o que ela também faria mais tarde. Nesse sentido, segundo a entrevistada,

nós era mandada pelo patrão, a gente ia lá na casa do patrão ele dizia hoje a senhora vai pra roçado, a senhora vai capinar. Quando era no outro dia, hoje a senhora já vai é de cortar pau, vai desgalhar pau lá naquele roçado, que era pra secar, que era pra tocar fogo, que era pra plantar o milho, o feijão, o arroz.

Essa realidade não é exclusividade da entrevistada, muito pelo contrário, é a regra na região. Neste contexto, os primeiros discursos das feministas brancas, classe média alta, não apenas vêm ao encontro da realidade dessas mulheres como ratifica os discursos das feministas negras, por exemplo, que argumentam sobre as várias nuances que distinguem as necessidades de gênero no contexto brasileiro, mas não apenas, pois as lutas sociais, políticas das feministas brancas, classe média alta perpassam pelas lutas das mulheres negras, indígenas, mas as necessidades destas vão muito além.

Por causa dessa necessidade, estas mulheres vão do trabalho braçal ao ofício de rezadeira e parteira, como é o caso da entrevistada. No caso dela, indagada sobre como adquiriu conhecimentos sobre o ofício de rezadeira e parteira, a mesma respondeu que

Olha, minha mana... eu acho que foi um dom que Deus me deu. [...]. Foi, um dom que Deus me deu... [...]. Mas minha irmã do céu pui numa coisa que... é um dom que Deus me deu, acho que foi um dom, porque eu não aprendi com ninguém, eu me deva um negócio assim dumas coisa, aí eu via aquilo fazer pra mim, né?! Me

<sup>3</sup> Até então, segundo a depoente, a cama era feita de “Miriti, tirava aquele braço do miriti, tirava a casca tudinho destalava, ai ia tirar aquelas tira, ai botava pra secar, botava pra secar, depois de seco ia tecer, tecia tudinho fazia aquelas mesmo tesa, botava em cima do jirau aí botava aqueles pano velho tudo sujo ainda, não existia sabão pra lavar roupa, pobre, minha irmã, que hoje em dia eu me alembro do começo que eu fui me alembro que meu pai deixou nós, né, antão eu fui me alembro...”

<sup>4</sup> “Fometura”: a entrevistada quis dizer que não tinha nada para se comer.

dava aquilo e eu via aquela pessoa fazendo assim pra mim sabe, que quando eu tornava eu sabia.

Como benzedeira, “[...] a primeira oração que eu fiz foi pra benzer dente. [...]. É, se eu benzesse uma dor de dente. Podia dizer que de manhã mais tardá umas 8 hora o dente caía. Lá a pessoa não sofria mais dor de dente não. Aí foi, foi, foi, passu pra quebranto, aí passu, se passu, passu pra surto<sup>5</sup>, fui levando, aí fui...”

P<sup>6</sup>: Que que é susto?

E: Surto?

P: É!

E: É quando uma criança memo até gente grande, né, de repente uma pessoa tá sentada ali e vem... aí, assim... aí ela fica... olha eu até me assurtei né.

E: Eu até me assurtei ou mesmo uma queda, uma coisa assim, escorregão, a gente pega aquele surto, né.

E: Pra vento caído, carrega o pé da criança... pega a criança pra revirar pro vento saí da barriga, o vento caído ele fica no estômago da criança, cresce a barriga, dá muito diarreia, fica magro, fica feio.

P: Mas é vento mesmo ou é lombriga, ou é lombriga?

E: Não, não é lombriga é um vento que cria.

E: É, no intestino da criança.

Como parteira, “eu comecei a pegar<sup>7</sup> criança eu tava com 30 ano.[...]. E, não faz muito tempo, ainda tenho uma neta que foi eu que peguei, ela ainda tá de resguarde, vai fazer mês dia premeiro de novembro”. Ou seja, começou nova, embora já tivesse quase a maioria dos seus filhos (ao todo 10), e ainda atua como parteira. E se tornou parteira, seguramente, devido ao fato de já ser mãe. Uma vez mãe, o senso comum é de que a mulher entendida no assunto. Sustentando o senso comum a necessidade, a ausência de serviços médicos. Ora, na ausência de um dentista e com a presença insistente da dor de dente, por exemplo, a fé, a oração acabam se tornando o único recurso.

Ainda no que diz respeito ao ofício de parteira, de acordo com Barbaut (1990, p. 141) “a profissão de parteira é seguramente um dos mais velhos ofícios do mundo. É fruto das experiências das mulheres que têm sido transmitidas de geração a geração, na prática cotidiana e na subjetividade das pessoas envolvidas no processo de partejar”. Ele ainda diz que, a prática das parteiras está

<sup>5</sup> A entrevistada quis dizer susto. Nas palavras dela, “É, aquela essa pessoa, por exemplo, tem um surto, tem um quebrando aí a gente vai em nome de Deus, de Nossa Senhora, em nome do Senhor, em nome do Divino Espírito Santo, eu corto o surto e corto o quebranto, eu arretiro do corpo, da causa dos Santos, por Maria minha mãe e mãe do meu Senhor, por três pessoa da Santíssima Trindade tu seja bem curada, bem protegida e bem assoniada (a entrevistada quis dizer auxiliada), em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

<sup>6</sup> P: pesquisadora; E: entrevistada.

<sup>7</sup> Termo utilizado para se referir à ação da parteira no momento do parto.

ancorada em diferentes bases do saber, como: a experiência, o saber intuído, a transmissão oral – aspectos que serão comentados mais abaixo ao longo dos excertos da narrativa oral de Dona Marta.

### 2.1.2 MARTA DE SOUZA PINTO<sup>8</sup>

Eu nasci aqui no município de Gurupá, dentro do Pucuruí, do rio Pucuruí, que é daqui da colônia de Gurupá, no braço do Pucuruí chamado Taueré e o lugar é chamado Estanhado. Lá em estanhado foi que eu nasci [...].

Lá, papai tinha esse lugar que era o Estanhado, tinha muita roça, mas um ano que uma epidemia que acabou as roça dos pessoá [...] deu uma grande epidemia de doença. Só minha tia, ela tinha dez filhos, quando chegavam do sepulto já tinha dois mortos, era. Aí o papai com medo dessa doença, desprezou casa, desprezou lugar, desprezou o pouco que ele tinha, eu me alembro [...]. Aí [...] viemos embora. A doença que eu tava falando era febre, carapanã, carapanã que não deixava a gente dormir [...]. O papai vivia doido, porque ele não dormia de noite fazendo fumaça<sup>9</sup>, batendo em cima da minha rede, na rede da mamãe [...]. Aí viemo embora, viemo morar aqui nessa Tapereira, aí passemos um mês aí na Tapereira com irmão do papai chamado Belniro. O tio Belniro foi-se embora pro Xingu, deu a casa pro papai, o papai disse “eu lá quero ficar aqui? E vou é me embora daqui”. Aí viemo. O papai arrumou um terreno com o Castiel. O Castiel deu um terreno pra ele, aí nós fomo morar lá, na boca do Jocojó e lá nós moremo. [...]. E eu já tava grandinha assim, já tava dentro dos quatro anos, dentro dos cinco. Eu ia cá, cá tia Joana que já é morta, eu ia com a tia Joana juntar andiroba pra vender. [...] nós ajuntava, passava o dia inteiro ajuntando andiroba. [...] nessa mudança deles nós comemo boia com banana cozida... tu acredita nisso? [...] o sacrifício que eu passei ... meu pai e minha mãe não tinham roupa eu também não tinha, eu andava nua tamanha pirralha já. [...] cortava seringa, mas quando chegava o inverno<sup>10</sup>, não se pode cortar, por causa que a gente corta a chuva vem e estraga tudo, entendeu? [...], muito sofrido! Muito sofrido! Aí eu cresci quando...foi o tempo que a mamãe morreu, nós fiquemo nós seis filho, três mulher três homi. Mamãe morreu e aí ele ficou já doido por causa de mulher, deixou só nós. Fiquemo “batendo na beira”. Eu era a mais velha, mas eu guiei meus irmãos. Foi embora atrás de mulher, foi embora.

Como já comentado anteriormente, a realidade contida nos relatos de dona Cotinha, não era exclusividade dela. Isso é regra. E são raríssimas, mas muito raras as exceções, principalmente para estas mulheres cuja infância, adolescência ocorreu em meados do século passado. Isso não significa que tenha melhorado muito para quem vive no interior (às margens de rios distantes das cidades mais desenvolvidas).

“Coincidemente” a raiz da história de vida dessa entrevista é similar a da anterior, e essa miséria que povoou a infância e adolescência de ambas, além dos infortúnios na vida adulta (não comentados aqui por não ser este o objetivo do trabalho), talvez seja a mola propulsora que tornou a

<sup>8</sup> A entrevistada assinou um termo de consentimento, no qual nos autoriza a usar, para fins de trabalhos de cunho científico, sua voz e imagem.

<sup>9</sup> A fumaça, normalmente feita com trapos, antigamente era muito usada em casa de pessoas simples para espantar os carapanãs (pernilongo).

<sup>10</sup> Inverno é o período de muitas chuvas no norte (meses de janeiro, fevereiro, março, por exemplo).



ambas rezadeiras e parteiras. Mas se é isso, por que todas não são, visto que esta miséria é comum a todos/as? O que as torna diferentes? Seria, de fato, o “dom”.

Em se tratando do ofício de rezadeira, na voz de dona Marta, que também exerce esse ofício, “bem, [...], ninguém me ensinou, isso já veio... Deus que dá aquele dom pra gente. [...]. Escuta uma coisa, tem oração pra quebranto, tem oração pra espinha na goela, pra dor na cabeça, tem pra “isprito” [...]”.

Indagada sobre como as benzedeiras fazem para saber o que dizer para as pessoas, ela explica que:

A voz. Só a voz. A voz dança enriba da gente. No momento que a voz dança enriba da gente, a gente não tá nesse mundo. A gente tá escutando tudinho o que eles tão falando, mas parece que a gente tá numa capa... às vez é quando a gente tá dormindo, tá sonhando, tá conversando assim como eu tô conversando com a senhora, e tá ensinando dizendo como é, como não deixa de não ser. Por exemplo, eu vou rezar na senhora, aquela voz diz : “olha, ela tá sofrendo disso, disso... por exemplo, eu vou rezar na senhora, a senhora tá muito prostrada já veio do hospital, tá disinganada, não tem mais cura, eu vou rezar, a senhora vem no último suspiro, aí eu fico muito motorizada, me dá aquele tremor na carne, aí eu aguento, vou por aí, me passo arcool, vai carmando. Aí aquilo diz assim: “ela não morre, pode falar.” Aí eu já garanto pra senhora, você não morre! Você faz esse remédio assim, assim. Aquilo é no momento, você tá escrevendo ligeiro, e ele tá falando e eu tô falando, lhe ensinando, você tá escrevendo, porque se passar pronto! Acabou-se (batendo uma mão na outra) vai embora. É mesmo que ser uma anestesia, a gente fica frio, frio, frio (pausa) só vem quando precisa [...]. Só quando eles tão querendo se colocar de agrado, eles aparecem, mas quando não é de agrado, eles não fazem (pausa). De agrado é como eu me agradar da senhora, todo dia eu tô na sua ilharga<sup>11</sup>. Eu me agradei de você. [...] do meu pai passou pra mim. Quando ele morreu, ele tava com uns oitenta e tantos anos.

Pode-se dizer que a atuação como rezadeira da dona Marta advém da aprendizagem por experiência mística (QUINTANA,1999), pois para Quintana<sup>12</sup> (1999) nesta aprendizagem todos os conhecimentos adquiridos pelas benzedeiras provêm de um guia espiritual. E este guia pode ser um anjo. No caso da dona Marta, sua fala não deixa claro quem é o dono da voz que fala com ela.

Quanto ao ofício de parteira,

eu não aprendi com ninguém, minha mãe não me ensinou, o papai não me ensinou, minha avó não me ensinou, ninguém me ensinou. Foi Deus que me ensinou. Quando eu completei, eu to bem certa, quando eu completei trinta e três anos, eu vinha da boca do Pucuruí pra casa, nos murava no centro, encustummo na casa de

<sup>11</sup> Ilharga: perto, do lado ou próximo de algo.

<sup>12</sup> Para Quintana (1999), no que se refere à iniciação das benzedeiras, existem dois tipos de iniciação, a primeira que denomina de imitativa. Nesta a aprendizagem se inicia por intermédio de brincadeira, como, por exemplo, quando uma criança imita um adulto benzedor, com o tempo essa brincadeira pode se tornar eficaz e passa a ser reconhecido pela família como legítimo. A segunda, é a aprendizagem por experiência mística. Para o autor, essa segunda tem maior reconhecimento pelo público que a procura.

uma mulher, ela tava bichudá, o nome dela é Sebastiana, ela ainda é viva, aí, era o premero filho dela, dormimo lá. Quando eu vinha me acordando, eu via me pisar, porque ataram minha rede bem por cima da dela, ai me pisava nas costas. E aí eu via meu marido tá me chamando: "Marta, Marta, Marta, te acorda Marta" Aí eu ispiei assim pra baixo, eu perguntei "o que é?" Ela disse, "Mana, me acode, me acode que eu tó querendo ter meu filho, mas não posso". O marido dela já tinha corrido atrás de uma parteira, que já morreu. Aí eu desci da rede (risos) eu desci da rede (mais risos) e disse: "deita aqui". Por isso que eu ti digo que ninguém me ensinou. Ela deitou em cima da paxiúba<sup>13</sup>. Ela deitou. A criança tava assim ó (*fazendo movimentos em cima da barriga indicando que a criança estava na diagonal*). Ela deitou de cabeça assim (*inclinando a cabeça para trás*), foi isto mesmo. Meti essa mão aqui (*mostrando a mão direita*). Meu coração falou comigo, seu coração não fala com você? Pois ele falou comigo e disse assim: "pega do lado que tu tá vendo que é o pé, e do lado que é a cabeça tu empurra a cabeça e puxa o pé pra cima. E eu fiz assim. Aquele filho fez dentro dela assim "truuque", a criança se mexeu e eu só fiz assim "tcháque" (*fazendo movimentos de puxada do bebê para fora do corpo no momento do parto*), a criança veio eu peguei. A criança caiu em cima da paxiúba, eu peguei e joguei um pano assim e botei a criança. Aí veio o resto dele. Aí eu falei "pega o bacio"<sup>14</sup> aí. "Pronto, ela já teve a criança". A sogra dela respondeu "já teve a criança Manecota com tudinho". Ele dissu "eu sabia que minha mulher tinha exi dão". Aí chega eu foi lá em cima e voltei. Aquilo eu fiquei assim, subindo e descendo admirada de'u fazer aquele trabalho. Depois desse trabalho eu fiquei não sei como foi que eu fiquei, me deu um nervoso, um frio, um tremoso. [...] o meu marido veio de lá e disse: "já cobriram tudo?". Já, ela já tá até na rede (risos). Ele veio disse assim: "tira dois dedos e mede no umbigo da criança e corta, amarra primeiro bem amarrado e corta". Eu agarrei, não tirei dois dedos, eu tirei três dedos, eu medi assim e cortei (*fazendo os gestos de medida nos dedos da outra mão*) [...]. Pronto, daí começou era Marta pra cá, Marta praculá. Aí como continuamente eu fui pegando mesmo, aí eu já pegava na mão, na barriga de uma mulher, eu dizia "não, tu não vai ter", ou então "esse teu filho é tal filho, um homem ou uma mulher".

Ainda de acordo com ela, seu ofício foi desenvolvido dentro do hospital, pois

era parteira fichada (no hospital). [...] desde que eu cai doente, tá fazendo uns quinze anos, eu caí doente, eu não apareci mais e mesmo foram embora tudus os dutores dona , tudo os dutores que eu trabalhava com eles furam simbora, tudo. Entrou utros nuvos que não faz conta dos velhos, só faz conta dos nuvos. Por exemplo, era eu, era (... contando nos dedos) a dona Guíta, que é minha tia, era essa Cotinha<sup>15</sup>, era a Florzinha<sup>16</sup>, as zutras já morreram. Deixa eu ver se eu me "alembro" (...), é, as "zutras" já morreram que eram daqui de Gurupá . Izeste só eu, tia Guíta, e essa Cotinha, inda ezeste, e a Florzinha, ela aprendeu, passei de mim pra ela. Ensinei ela e minha filha, essa uma que mora bem aqui (*apontando para a casa ao lado*). Também passei pra ela, ensinei ela, ela sabe. Mas assim mesmo eles correm, tudo eles vêm aqui comigo, "oh, dona Marta, me puxe, endireite meu filho, o doutor disse que tá embulado"<sup>18</sup>, tá sentado. Eu vou boto aqui (*fazendo gestos, indicando que coloca a pessoa deitada no chão da casa*). Fecho toda a minha casa, endireito a criança, pronto! Tá direito a tua criança, direitinho

<sup>13</sup> Paxiúba: palmeira típica da área de várzea da região amazônica utilizada, antigamente, na construção de casas, mais precisamente assoalhos, paredes e pontes.

<sup>14</sup> Bacio: o mesmo que penico; vaso para urina e dejeções; urinol.

<sup>15</sup> Referência à outra entrevista aqui.

<sup>16</sup> Não foi entrevistada porque ela a idade dela não está dentro do que delimitamos.

<sup>18</sup> Embulado: embrulhado, enrolado, escondido até mesmo envolto ao cordão umbilical.

(pausa, pensativa), mas eu não sou chamada no hospital, de premero eu era. Mas des que trocou tudo, acabou-se.

Acabou-se, de certa maneira, talvez em Gurupá, cidade que já pode contar com alguns recursos na área da saúde. Mas nos vários lugares onde esse recurso não existe, na emergência e/ou falta de condições de se chegar até o médico, são as parteiras e rezadeiras as grandes cuidadoras da saúde física e espiritual da população que vivem às margens dos rios e do olhar das autoridades públicas do Brasil.

## CONCLUSÃO

Corroborando com o exposto acima, de fato as realidades vivenciadas por ambas as entrevistadas são similares. Uma vida errante, cheias de dificuldades e um “dom” que as mantém vívidas apesar de tudo. Como parteiras e benzedeiras elas têm um papel social importantíssimo no meio em que vivem. Elas ajudam trazer as pessoas à vida e cuidar de seus males, bem como conseguem enxergar além do corpo de seus “pacientes”. Elas são ouvintes, conselheiras e amigas. Mulheres que fazem do seu ofício uma questão social preponderante aos preconceitos sofridos pela mulher no seu meio.

No entanto, é importante frisar, que a prática de “benzer”, “rezar” e “partejar”, apesar de sua relevância, acabou sofrendo algumas desvalorizações nos dias de hoje. Porém, como parte da cultura de um povo e da própria família, já que o “dom” perpassa gerações, precisa ser fixado na memória dos moradores de maneira a dar o devido reconhecimento por meio de registros documentados, foi o que também se pretendeu nesse trabalho.

Não apenas a razão de rezar, benzer e partejar as torna semelhante, mas o fato de serem mulheres que mesmo sob tantas provações lutaram e lutam para sobreviver numa sociedade sexista e racista, se fazer ouvir e se fixar na memória das pessoas como colaboradoras da saúde local por carregarem com elas a essência de um “dom” sublime.

As experiências correlatas aqui são mais uma prova de que a mulher, de classe baixa, negra e ribeirinha, está submetida aos mais inóspitos momentos de construção de sua identidade, assim como nas palavras da feminista negra Sueli Carneiro quando diz: “Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras ... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar!”. Ora, trabalhar? no caso das duas entrevistadas, que, como se pode observar, desde a infância se envolveram no trabalho pesado, não por ser de suas vontades, mas por ser a regra da região, de suas situações enquanto



mulheres ribeirinhas, sem muitas perspectivas de vida em circunstâncias tão grosseiras para uma mulher. Nesse sentido é que se torna de extrema relevância, nos estudos de gênero, propostos na academia, que haja uma intersecção com raça e classe, de maneira a serem (re)pensadas as questões femininas.

Portanto, por viverem às margens, é admissível que mulheres como dona Cotinha e dona Marta acabaram por se tornar parteiras e benzedeiras, tanto por ser uma experiência prioritariamente feminina, quanto que por se encontrarem em lugares que estão de certa forma distante das grandes cidades com maiores recursos na área da saúde e com isso tornarem-se um dos poucos recursos da população em busca de “curas” devido, é claro, ao seu “dom”. Além do que sobreviver é preciso.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ordália Cristina Gonçalves. Entre o real e o ideal: a tentativa de protestantização do campo religioso goiano. In: SERPA, Élio C., MAGALHÃES, Sônia M. de (Orgs.). **História de Goiás: memória e poder**. Goiânia: Ed. da UCG, 2008.

BARBAUT, J. **O nascimento através dos tempos e dos povos**. Lisboa: Terramar, 1990.

COLLIÈRE, F. **Promover a vida**: da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem. 2.ed. Porto, Lidel, 1999.

CARNEIRO, Suely. Enegrecer o Feminismo: A situação da Mulher negra da América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. (artigo) [s.d].

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Relativos ao Gênero. University of Califórnia- Los Angeles, (2002).

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.

\_\_\_\_\_. Senhoras da fé. In: GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Flor do não esquecimento**: Cultura popular e processo de transformação Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 23/out./2014

LOPES, Robson Wander Costa. **CEBs ribeirinhas: Análise do processo de organização das Comunidades Eclesiais de Base em Gurupá-PA**- Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Pará, 2013. –

MAGALHÃES, Benedita Alcidema Coelho dos Santos, **Educação do Campo, poder local e políticas Públicas**: A Casa Familiar de Gurupá-PA, uma construção permanente – Dissertação

(Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2009

MONTIEL, E. A nova ordem simbólica: a diversidade na área da globalização. In: SIDEKUM, A. **Alteridade e multiculturalismo.** Ijuí: Ed. Da Inijuí, 2003.

MORAES, Cristina de Cássia P. Religiosidade e sociabilidade entre os confrades do patriarca São José. In: QUADROS, Eduardo G. de, SILVA, Maria da C., MAGALHÃES, Sônia M. de (Orgs.). **Cristianismos no Brasil central:** história e historiografia. Goiânia: Ed. da UCG, 2008.

OLIVEIRA Jr., Paulo de; PACE, Richard. **A pequena Pré-História de Gurupá.** [Datilografado]: Gurupá, [s.d]

OLIVEIRA, Elda Rizzo. O que é benzeção. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. QUINTANA, Alberto M. **A ciência da benzedura:** mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

SILVA, Claudia Santos. Rezadeiras: guardiães da memória. In: **V ENECULT-Encontro de estudos Multidisciplinares em Cultura.** Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/> 19161.pdf. Acesso em 18 dez. 2014.

STRECK, Danilo. Encobrimentos e emergências pedagógicas na América latina. In: **Revista Lusófona de Educação,** 2005.

TRECCANI, Girolamo Domenico. **Regularização Fundiária:** um desafio para as populações tradicionais de Gurupá. (Tese). Universidade Federal do Pará, NAEA/UFPA, 2006.